

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 13730

Data 06/06/2008

() Compra (x) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TACNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O processo de constituição da personagem protagonista Macabéa em “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector

Vânderla Maria Oliveira Ferreira

Pontes e Lacerda-MT
2007/2

82.09
F383R
22.01
C92568951

VÂNDERLA MARIA OLIVEIRA FERREIRA

O processo de constituição da personagem protagonista Macabéa em “A Hora da Estrela”, de
Clarice Lispector

Pontes e Lacerda-MT
2007/2

VÂNDERLA MARIA OLIVEIRA FERREIRA

O processo de constituição da personagem protagonista Macabéa em “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector

Monografia apresentada (à Universidade do Estado de Mato Grosso/Departamento de Letras, Campus Universitário de Pontes e Lacerda) como instrumento de avaliação da disciplina TCC do curso de Letras-Língua Portuguesa Inglesa e Literatura como requisito parcial para a obtenção do título de graduando em Letras.
Orientadora: **Professora Walmira Sodré Austríaco Moraes**

Pontes e Lacerda-MT
2007/2

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora

Professora Walmira Sodré Austríaco Moraes __ professora orientadora

Professora Ms. Maria Inês Parolin __ convidada interna

Professor Epaminondas... __ convidado interno

Pontes e Lacerda-MT, 10 de janeiro de 2008

Dedico este trabalho a todos que, de forma direta ou indireta, fizeram parte da minha vida.

A minha família, que nas horas difíceis se fez valer através de palavras de apoio e incentivos.

Ao meu esposo Vanderlei, que participou da minha caminhada árdua.

Aos meus companheiros e companheiras desse difícil caminho que não me deixaram desanimar...

Agradeço ao bom Deus que esteve ao meu lado em todos os momentos de minha vida e que me deu conforto, paciência e sabedoria para percorrer esse caminho.
Aos meus pais José e Alzira, grandes inspirações da minha vida.
A meu esposo que sempre compreendeu-me.
A todos os meus companheiros de caminhada com os quais aprendi diferentes maneiras de conviver em grupo.
A minha família, que esteve comigo sempre.

O romance ao abordar as personagens de forma fragmentária, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, incompleta com que elaboramos os conhecimentos dos nossos semelhantes.

(CANDIDO, 2002:58)

RESUMO

FERREIRA, Vânderla Maria Oliveira

O presente trabalho constitui um estudo sobre “o processo de construção da personagem Macabéa”, estando esse estudo centrado na obra de Clarice Lispector: *A Hora da Estrela* (1977). Há no corpo desse trabalho vários estudos sobre a personagem Macabéa: Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Márcia Guidin e outros enfatizam essa questão de maneira nítida e contribuem de forma a enriquecer a nossa análise abrindo um leque de possibilidades sobre esse tema. Nesse caso procuramos retratar através de Macabéa as características da personagem moderna e sua representação dentro do romance, bem como a sua recepção e interpretação por parte do leitor. Um outro aspecto discutido nesse trabalho é a construção de Macabéa que por sua vez é de suma importância por ela ser uma personagem diferenciada que marca de forma inusitada o romance moderno. Também procuramos discutir sobre a relação existente entre a autora, o narrador e a personagem protagonista, já que essa construção se difere dos demais romances, pois há um entrelaçamento entre eles, dando ao enredo uma estética diferente.

Palavras-chave:

Construção, desconstrução, introspecção, explosão, fragmentação.

SUMÁRIO

RESUMO-----	07
INTRODUÇÃO-----	08
I - O SER FICTÍCIO DO ROMANCE MODERNO: a condição introspectiva de Macabéa como ícone da desigualdade psicológica e do rompimento com a visão perspectivica----	10
1.1 – A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MACABÉA-----	17
II – AUTORA – NARRADOR – PERSONAGEM___ a invenção de si mesma pelo revestimento do outro-----	23
2.1 – A INFLUÊNCIA DA PERSONAGEM NO FOCO NARRATIVO-----	31
III – A HORA DA ESTRELA: APENAS UM OLHAR SOBRE A OBRA-----	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	41

INTRODUÇÃO

Há na literatura uma relação intensa e uma mistura de realidade e ficção. Em sentido amplo poderíamos destacar que a obra *A Hora da Estrela* trata de forma explícita a vivência interior de uma personagem que se bem observada, pode muito bem estar relacionada com a vivência interior de todo e qualquer ser humano.

A literatura brasileira possui muitos escritores renomados que marcam de maneira digna a nossa literatura. Clarice Lispector também permeia esse universo grandioso das artes. Ela compõe de forma inusitada a trajetória de personagens, na maioria das vezes mulheres, que vivem em crises existenciais; ela enfatiza a angústia de suas personagens diante de suas liberdades para escolher o curso que desejam dar as suas vidas e também a maneira de cada personagem ser e estar no mundo. O nosso trabalho tem por objetivo apresentar *A Hora da Estrela* a partir dessa perspectiva para tanto damos maior importância ao processo de construção da personagem protagonista, sendo que *A Hora da Estrela* retrata com clareza a vida sofrida e miserável da personagem.

O trabalho se apresenta dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo se constitui de um estudo sobre a personagem moderna, de como esse novo ser ficcional se caracteriza e os aspectos resultantes do processo pelo qual passou essa personagem e também os processos que envolvem a construção de Macabéa. Utilizamos como ponto de referência para dar sustentabilidade teórica as obras *A Personagem de ficção*, de Antonio Candido e, *Reflexões sobre o romance moderno*, de Anatol Rosenfeld. Sendo que as referidas obras discutem como foi o processo pelo qual passou o ser ficcional e também a sua caracterização como ser moderno.

Já o segundo capítulo discute a relação que há dentro da obra entre autora, narrador e personagem, bem como a influência da personagem na construção do foco narrativo

O terceiro e último capítulo é o da análise da obra, no qual fazemos um pequeno comentário sobre o estilo que a autora utiliza para compor esse romance e centralizamos mesmo na personagem Macabéa e, ainda propomos uma contextualização da vivência da personagem-protagonista com a vivência das outras personagens secundárias que contracenam com ela.

Portanto, procuramos compreender que a obra de Clarice Lispector não tem como foco a preocupação com o enredo, mas busca retratar o interior de sua personagem ao se deparar com os fatos de ordem social, como a migração, a falta de identidade da mulher na cultura urbana e letrada, bem como a discriminação das escritoras pela sociedade.

Sendo assim todas as referências ao romance de Clarice Lispector serão feitas dentro do trabalho, a partir da página dez, com a utilização da sigla AHE.

Capítulo I

O Ser Fictício do Romance Moderno: a condição introspectiva de Macabéa como ícone da desigualdade psicológica e do rompimento com a visão perspectivica

A nova personagem do romance moderno tem suas características relacionadas as transformações ocorridas no mundo moderno, transformações estas que vinham se arrastando há alguns séculos, mas que só consegue o seu auge no século XX com as grandes descobertas científicas, o desenfreado avanço tecnológico, a perda da perspectiva do homem e outras, e conseqüentemente a todas essas modificações que vinham acontecendo as artes em geral também acompanhavam o ritmo dessas transformações e são influenciadas por elas.

Vale ressaltar que a perspectiva do homem em relação ao mundo era permeada de uma ilusão, ou seja, para os seres humanos tudo o que acontecia no mundo e até mesmo as suas descobertas eram incontestáveis, mas o conceito de mundo era relativo e não absoluto, já que essa idéia de absolutismo partia da própria consciência humana, de sua subjetividade, leis, ópticas e hipóteses e por isso o mundo era apresentado como se fosse absoluto. De acordo com Rosenfeld *A perspectiva cria a ilusão do espaço tridimensional, projetando o mundo a partir de uma consciência individual*. (1969:77) O mundo é relativizado, visto em relação a esta consciência, é constituído a partir dela, mas reveste-se da ilusão do absoluto.

Essa perspectiva caracteriza a época em que se evidencia a liberdade do homem, o indivíduo passa a trilhar seu caminho a partir de sua própria consciência individual.

Já a perda da perspectiva do homem e a desintegração da figura humana nas artes estão relacionadas às novas experiências que o homem foi conquistando, às incertezas da sua existência num mundo confuso fragmentado e caótico, às desconfianças das visões totalizadoras e explicativas do mundo, pois nem sempre o que se aparenta à vista humana caracteriza-se como verdade absoluta e que nem as ciências e a religião conseguem tranquilizar as inseguranças e as desconfianças do homem em relação ao universo e que o deixava repleto de incertezas.

De acordo com essas transformações que vinham acontecendo no mundo e no modo de sobrevivência do homem no decorrer de alguns séculos, percebemos que a Literatura

passou por muitas mudanças até alcançar uma transformação radical e passar a ser considerada moderna no século XX, pois todas as alterações pela quais passaram o mundo e a sociedade refletem de forma direta ou indireta na construção das artes em geral.

Podemos dividir a Modernidade em três fases. A primeira fase vem de princípios do século XVI... É a fase desencadeada pela renovação intelectual e artística. A segunda fase coloca-se entre a revolução Francesa e a Primeira Guerra Mundial. É o período de Expansão Industrial, da ascensão e consolidação da burguesia. Intensa e revolucionária é a produção nas letras, nas artes plásticas no ensaísmo político e filosófico. A terceira fase se instala sobre os escombros da Guerra. Explodem as vanguardas sedentas de renovação.

(SCHULER, 2000: 79).

Com isso, a Literatura perdeu o centro por analogia, nesse caso deixou de representar num plano os objetos tais como se aparentam à vista, recusou a realidade abolindo a perspectiva que criava a ilusão do absoluto da convenção, introduziu a densidade psicológica, o conflito e o fluxo de consciência, conforme a expressão de Woolf In: Rosenfeld "*a vida atual é feita de trevas impenetráveis que não permitem a visão circumspecta do romancista tradicional*". (1969:86)

Dessa forma, Woolf quis dizer que se os escritores continuassem a utilizar os métodos tradicionais, perspectivicos, suas obras não acompanhariam o ritmo da vida moderna, dessa forma os romancistas também romperam com a perspectiva e com isso a cronologia e os planos da consciência foram abalados e os sonhos invadiram a realidade.

O romance moderno anula a distância entre narrador e narração transformando-o em narrador-personagem, desarticulando a noção da personagem tradicional, tal como era vista, uma personagem de traços firmes e claros.

Esse romance traz um ser fictício fragmentado, não expõe a personagem com todas as suas características, sejam elas externas ou internas, apresenta-a como se fosse um quebra-cabeça, ou seja, fornece ao leitor apenas fragmentos do ser fictício, como por exemplo, uma conversa, um ato, uma afirmação, uma característica, etc. Mesmo esses fragmentos unidos não permitem ao leitor chegar à determinada conclusão sobre o interior e o exterior da personagem, esses fragmentos de ser nos permitem um conhecimento aproximado do que vem a ser e a representar essa nova personagem, pois esse novo ser fictício é inesperado e

misterioso e está relacionado ao enfoque microscópico e a perda da perspectiva pela qual passa o novo romance.

A enfocação microscópica aplicada à vida psíquica teve efeitos semelhantes à visão de um inseto debaixo da lente do microscópio. Não o reconhecemos mais como tal, pois eliminada a distância, focalizamos apenas uma parcela dele imensamente ampliada. Da mesma forma se desfaz a personagem nítida, de contornos firmes e claros tão típicos do romance convencional (ROSENFELD, 1969: 85).

Vale destacar então que a nova narrativa, apenas oferece recursos para que o leitor chegue a um resultado aproximado, tanto do ser fictício quanto do foco narrativo. De acordo com as transformações ocorridas nas artes e, sobretudo na Literatura, com o advento da modernidade os seres se fragmentam no romance, assim como o ser humano é também deformado, reduzido, dissociado e até eliminado na pintura moderna, sendo que essas transformações ocorridas no romance não são tão visíveis, pois segundo Rosenfeld “*De fato, as alterações ocorridas no romance não ‘dão tanto na vista’ como as de uma arte visual*”, (1969:80) Ou seja, as alterações ocorridas no romance e em suas personagens são bem mais difíceis de serem interpretadas, necessitam de um olhar minucioso sobre a obra para que se possam perceber tais transformações.

Então, com todas essas alterações no mundo e nas artes o ser fictício sofreu todas as influências modernas e em muitos casos passou a ser constituído pelo processo de desconstituição e ao mesmo tempo em que vai se destruindo, e, muitas vezes caminhando rumo à morte, desconstitui também a estrutura do romance, passando esse, a ser constituído pelo mesmo processo que a personagem.

Esse ser fictício é caracterizado como sendo de natureza ou esférica, e não é claramente definido, sendo modelado aos poucos psicologicamente. É um tipo de personagem problemática, multifacetada inadaptada ao meio em que vive, não sabe o que quer nem para onde ir, é um ser que geralmente não age diante dos acontecimentos e sua função não é definida dentro da narrativa.

As “personagens de natureza” são apresentadas, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isto impede que tenham a regularidade dos outros. Não são imediatamente identificáveis, e o autor precisa, a cada mudança do seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente analítica, não pitoresca.(CANDIDO, 2002: 620).

O romance moderno aumentou a dificuldade do ser fictício, organizado-o com maior complexidade e diminuindo a idéia de esquema fixo, a ação e o enredo perdem importância em favor das emoções, estados mentais e reações das personagens e sua caracterização varia, aumenta o interesse pela vida profunda do eu e o autor não faz mais o retrato da personagem; o leitor é que vai interpretá-la e julgá-la. Uma das autoras que inovou o romance e suas personagens foi Clarice Lispector, apresentando uma narrativa intimista e introspectiva, que procura captar a vivência interior da personagem e a complexidade de seus aspectos psicológicos.

O novo ser fictício não deixa transparecer a imagem nítida do seu jeito de ser, mas o leitor consegue ter certa intuição do modo de ser do personagem, a qual ela deixa transparecer através do monólogo interior, conforme Brait "*O monólogo interior é o recurso de caracterização de personagem que vai mais longe na tentativa de expressão da interioridade da personagem*". (1998:69) Portanto a constituição dessa personagem e os fragmentos que possivelmente compõem a sua totalidade permitem ao leitor inúmeras leituras, mas essa questão vai depender do conhecimento e da perspectiva do receptor.

De acordo com a idéia de Jauss (2002:60) uma obra literária é bipartida, pois há uma diferenciação entre compreensão e discernimento; o discernimento permite ao leitor avaliar bem, julgar, apreciar e medir uma obra literária e suas personagens e estabelecer semelhanças e diferenças com outras obras bem como com o processo histórico envolvido. Já a compreensão é o momento em que o leitor compreende do que se trata o texto para depois discernir ou interpretar o assunto da obra, ou seja, elaborar possibilidades ou conclusões projetadas na compreensão. Portanto, é justamente essa questão que acontece com a obra AHE por ser de difícil entendimento, o leitor necessitará de recorrer a todos esses elementos citados por Jauss para poder então fazer uma boa interpretação do texto, já que uma obra literária oferece ao leitor várias interpretações, e em especial essa obra que parte de questões sociais para retratar e se aprofundar no interior das personagens. Jauss aponta ainda que há também uma diferença entre a experiência primária do leitor com a obra e o ato da reflexão, sendo que o primeiro contato do leitor com um texto literário é que lhe dará essas experiências primárias, possibilitando a ele uma leitura superficial, pouco sólida e a partir do ato de reflexão é que o leitor pode fazer uma observação aprofundada sobre o conteúdo de um texto literário e suas personagens. Em AHE o leitor precisa ficar atento sobre esses fatos, pois o narrador apresenta inicialmente uma personagem que traz

consigo problemas de ordem, mas depois que a obra passa por um ato reflexivo o leitor perceberá que os fatos sociais provocam na personagem protagonista um fenômeno chamado crise existencial, como se a personagem entrasse em choque perante ao que lhe acontece e ao que ela não está acostumada.

Nesse caso tanto a experiência primária, a compreensão, o discernimento e o ato reflexivo depende muito do tipo de leitor, de suas experiências, do tempo histórico em que está vivenciando.

Todavia, cumpre distinguir entre duas modalidades de relacionamento entre o texto e o leitor: de um lado, ao ser consumida, a obra provoca determinado efeito sobre o destinatário; de outro, ela passa por um processo histórico, sendo ao longo do tempo recebida e interpretada de maneiras diferentes, esta é a sua recepção. (JAUSS In: ZILBERMAM, 1989: 64)

De acordo com Zilbermam um texto literário desencadeia um certo resultado sobre o leitor, provocando o seu emocional podendo comovê-lo, impressioná-lo e até perturbá-lo; e também pode provocar o seu cognitivo podendo alterar o seu conhecimento sobre algo, pois o texto literário funciona como um veículo de comunicação com o receptor permitindo-lhe uma visão mais perfeita e profunda do real.

Portanto o significado e a recepção de um texto literário não depende somente das intenções do autor, depende de um contexto histórico para outro, ou seja, novos significados podem ser encontrados por leitores de outras épocas, como por exemplo: um leitor moderno pode extrair de uma obra clássica interpretações que provavelmente nunca tenham sido imaginadas por leitores de outras épocas. Então os elementos que compõem uma obra literária para terem efeitos dependem da interpretação de cada tipo de leitor.

Em se tratando das obras e personagens modernas e as suas recepções, temos a obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector que aponta muitos aspectos da literatura moderna, traz uma personagem diferenciada, caracterizada pela sua vivência interior e pela sua complexidade. Desse modo percebemos que Macabéa não é uma personagem que pode ser identificada logo de imediato e essa questão pode confundir até mesmo o leitor moderno, mas depois de refletir com calma sobre essa personagem, esse mesmo leitor perceberá que Macabéa nada mais é do que a representação das incertezas e angústias dos seres humanos diante de algo novo. Nesse caso o leitor moderno vai buscar elementos em sua sociedade que lhe permita tal interpretação, tomando a percepção de Macabéa não tão difícil, já que

ela está inserida nessa modernidade e isso tornará a recepção desse ser fictício bem mais familiar apesar da sua complexidade.

Dessa forma através da personagem Macabéa torna-se evidente que as transformações ocorridas no romance moderno e nas personagens foram para tentar acompanhar o mundo e a evolução dos seres humanos que se transformam a cada instante, pois não tinham o porquê das narrativas continuarem a retratar um mundo fixo, imaginado e projetado a partir de uma certa perspectiva, criando a ilusão do absoluto, já que o homem tinha abandonado a perspectiva não mais acreditando na possibilidade de construir a realidade a partir dela. Conforme Rosenfeld afirma *“uma época com todos os valores em transição e por isso incoerentes, uma realidade que deixou de ser um mundo explicado exige adaptações estéticas capazes de incorporar o estado de fluxo e insegurança dentro da própria estrutura da obra”*. (1969:86)

Com isso Rosenfeld relata que se o mundo está em plena transformação o viável seria optar por uma estética que acompanhasse o ritmo da época, levando para dentro das obras todas as inseguranças e crises existenciais dos seres humanos diante das transformações, esse fenômeno ocorreu nas obras de arte para que elas não continuassem a retratar uma realidade falsa e ilusionista, para que pudesse mostrar o que há por trás da aparência que vemos. Esse novo ser fictício fragmentado foi introduzido no romance para melhor aproximar a visão que temos do mundo e do ser humano, pois segundo Rosenfeld, In Candido *“A nossa visão da realidade em geral e em particular dos seres humanos individuais é extremamente fragmentária e limitada”*. (2002:57).

O que vemos, seja no mundo, nos seres humanos e na personagem de ficção não são verdades absolutas, pois a nossa visão sobre esses elementos é sempre limitada, portanto, estamos diante de estilhaços de um todo que se partiu e para que esses estilhaços sejam juntados é necessário uma visão minuciosa sobre o que se deseja observar para que se possa chegar a uma certa conclusão ou hipótese do que pode vir a ser, já que o romance moderno perdeu a arte de representar num plano os objetos, os acontecimentos e as personagens. As características, em se tratando das personagens, são enumeradas pouco a pouco, até se formar um todo. Esse tipo de narrativa em momento algum deixa algo transparecer como certo, acabado e verdadeiro, mas oferece recursos para que se chegue a um resultado, resultado esse que vai depender da interpretação de cada receptor.

Então, esse novo romance se aproxima muito da vivência dos seres humanos, apresentando personagens que representam o homem moderno cheio de crises existenciais

e incertezas e que estão em constantes buscas não dando suas descobertas como finitas, pois o mundo sempre oferece surpresas, e em se tratando da vivência desse ser moderno que se aproxima do homem, temos Macabéa, uma personagem inadaptada ao meio em que vive representando esse homem diante da modernidade e, em muitos casos, despreparado para enfrentar os avanços modernos.

Macabéa representa uma personagem de origem humilde, classe baixa, nasceu e foi criada no interior distante dos grandes centros industrializados e por esses fatos não obteve oportunidades de desenvolvimento pessoal. No decorrer de sua vida migrou-se para uma cidade grande, inadequada para ela que estava acostumada com uma vida mais calma; com isso Macabéa se sente perdida não sabe o que quer e nem para onde ir, diante dos acontecimentos dificilmente esboça uma reação, pois não é preparada para uma vida agitada, portanto para ela tudo o que lhe acontece é considerado normal talvez pelo fato dela não ser preparada para agir.

Portanto, Macabéa reflete o homem do século XX que migra de seus lugares de origem para as regiões mais desenvolvidas e se depara com o novo, tornando-o muitas vezes sem ação assim como a protagonista, mas vale ressaltar em AHE que para Clarice os fatos sociais vividos por Macabéa caracterizam-se como o ponta-pé inicial para se chegar as reações dela ao se deparar com os acontecimentos. Nesse caso a autora ao mesmo tempo em que faz uma denúncia social se aprofunda nos conflitos internos do ser e suas angústias existenciais.

Com isso, a existência de Macabéa revela uma reflexão da autora Clarice Lispector sobre as pessoas que buscam melhorar de vida procurando lugares que não condizem com as suas realidades e conseqüentemente o choque social e cultural enfrentado por esses indivíduos. Dessa forma, além de retratar as crises existenciais enfrentadas por eles a escritora também tem por objetivo denunciar a classe marginalizada, conforme aponta Guidin *"A personagem denuncia uma classe social marginalizada, sem consciência política e que, por isso, não está preparada para a luta de classes, existente na obra"*. (1994:56). Dessa forma, percebemos que as pessoas marginalizadas precisam, assim como Macabéa, de instrumentos que lhes permitam uma aquisição privilegiada no eixo urbano, já que não possuem espaço social nenhum, mas ocupam de forma silenciosa, inexpressiva e ignorante um lugar social, pois não dispõem de voz e nem vez diante de uma sociedade urbana e letrada.

1.1-A Construção da Personagem Macabéa

A personagem é um ser fictício imaginário, inventado mesmo quando baseado no real, sendo esse ser responsável pelo desempenho do romance, e já que o ser ficcional caracteriza-se como uma invenção, então não há uma receita fixa para criá-lo, sua constituição depende da imaginação de cada autor e que só depois de construída e que pode ser analisada e observada caracterizando-a como tal.

Como destaca Foster *“O romancista ao contrário de seus colegas, arranja uma porção de massas verbais..., Dá-lhes nomes e sexos, determina-lhes gestos plausíveis e as faz falar por meio de aspas e talvez se comportarem consistentemente”*. (1998:44). Essas massas verbais das quais fala Foster são as personagens fictícias, que podem sim representar o real, ou serem modificadas através da imaginação do romancista, ou serem inventadas a partir do que os autores imaginam sobre os seres humanos.

Dessa forma, o processo de constituição das personagens depende de inúmeras questões. Nesse caso, a construção da personagem protagonista Macabéa se dá através do processo de desconstrução. Desconstrução essa que pode ser percebida do início ao fim do romance. A desconstrução de Macabéa encontra-se bem transparente, pois geralmente a personagem sr que age e tem sua função definida dentro da história. No caso de Macabéa, ela não vai sendo construída progressivamente e sim desconstituída, sendo a personagem principal ela não possui uma função definida dentro da obra, é um ser que dificilmente age no decorrer da narrativa, o narrador compara ela com “uma galinha insignificante”.

De início o narrador vai privando Macabéa dos encantos que caracterizam a feminilidade, *“Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém”*. (AHE, 1998:13). Com essa afirmação do narrador percebemos que Macabéa é extremamente feia, não possui instrumento algum de sedução; ela é constituída pela desconstrução até de seus mecanismos de sedução. É considerada pelo narrador como uma pessoa “tola” que ninguém a olha, pois não possui nada em seu corpo que chame a atenção.

A desconstrução dos instrumentos de sedução de Macabéa é evidenciado também no instante em que ela está namorando e sente medo de que o silêncio tomasse conta do encontro amoroso, e ela diz: “Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?” Nesse momento é visível que Macabéa não possuía um vocabulário capaz de seduzir seu amado, ela falava o que via e o que lhe vinha na mente.

Seu namorado caracteriza-a como “magricela e esquisita que não possui nem rosto e corpo para ser artista”. Nesse caso o fim do namoro é uma prova da desconstrução dos meios de sedução de Macabéa, Olímpico diz a ela, “___ Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer”. Ou seja, ela era totalmente privada dos encantos femininos e conseqüentemente das relações amorosas, pois se não possuía artifícios sedutivos não conseguiria manter uma relação amorosa, como afirma Guidin *“Não há adereços ou encantos a procurar em Macabéa, inviáveis pela descrição aviltada da personagem. Através do burlesco e da caricatura, Rodrigo nega à personagem qualquer uso eficaz das insígnias femininas da sedução”*. (1994:39). Com essa fala fica nítido que será em vão procurar na constituição de Macabéa qualquer caracterização na qual possa identificá-la como símbolo de beleza feminina, sendo que a descrição utilizada pelo narrador da constituição dos encantos femininos de Macabéa aponta fortemente para uma personagem exteriormente depreciável incapaz de conquistar um verdadeiro amor.

Outro fato que compõe o processo destrutivo de Macabéa é também o momento em que ela é privada dos mecanismos de integração social, ou seja, essa personagem nasce pobre no interior do Nordeste, é filha de pais desconhecidos já falecidos, foi criada e educada pela tia.

Guidin aponta ainda, *“Para melhor marcar essa figura em processo destrutivo, o narrador a instala da humilde firma em que trabalha ao quarto em que dorme-em convívio social degradado e caricato”*. (1994:40). Nesse caso, Macabéa é desconstituída socialmente, a vivência dela se resume no trabalho que faz e muito mal, porque erra demais na datilografia além de sujar invariavelmente o papel, e no quarto em que dorme.

Para Guidin, *“Rodrigo invibializa para Macabéa possibilidades de ascensão e reconhecimento profissional”*. (1994:40) A sua formação profissional é constituída por um curso ralo de datilografia e por isso seria despedida pelo seu chefe; nesse caso Macabéa é privada de qualquer integração social. E o fato dela ser transferida de seu habitat para uma cidade grande em meio à ascensão da industrialização é mais uma questão nítida do processo destrutivo da construção de Macabéa, pois ela, criada no Nordeste, sem estudos, mal sabia datilografar, sendo assim o seu destino é ser desconstituída e jamais conseguirá a integração social porque não está preparada para enfrentar os obstáculos que uma cidade grande oferece.

Notamos que Macabéa vai se autodestruindo pela falta de reação perante os acontecimentos a sua volta, ela simplesmente vive, como podemos ver na fala do narrador *“Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando”*. (AHE, 1998:23). *Enfim Macabéa é incompetente para tudo, “(...) ela era incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar”*. (AHE, 1998: 24).

Mas quando o seu namoro com Olímpico chega ao fim ela reage de forma incomum, surpreendente não muito corriqueira aceitando a separação ao ser trocada por sua amiga Glória, *“Na hora que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela veio de repente inesperada: pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar”*. (AHE, 1998: 61).

Notamos que as reações de Macabéa são incomuns, nos poucos momentos em que ela age dentro da história deixa transparecer a sua inocência ao praticar a ação, portanto todo o segmento de constituição dessa personagem é um processo que vai ao encontro com a morte, portanto ela vai sendo desconstruída no decorrer de toda a narrativa, morrendo no final da história abatida pelo mundo urbano que não alcançou. *“E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a...”* (AHE, 1998:79), justamente uma Mercedes, a invenção da industrialização que a matou; com essa questão é nítido o processo de desconstrução de Macabéa perante a um mundo inviável para ela.

Guidin afirma, *“Todo o procedimento narrativo na constituição da personagem é um processo de ida para a morte”*.(1994:42).

Então em se tratando do modelo de personagem representado por Macabéa, é sabido que as personagens de ficção representam o que seus autores idealizam e podem revestir-se tanto do real como do imaginário, ou seja, podem personificar-se da realidade ou simplesmente optar pelo irreal, mas na maioria das vezes o romancista se baseia em uma relação entre um ser fictício e um ser vivo que se concretiza e se manifesta através da personagem ficcional.

Dessa forma Macabéa representa um modelo de personagem moderna ou que vai além da modernidade, pois traz consigo muitos vestígios da modernidade como, por exemplo: é apresentada dentro da obra toda estilizada, uma característica da modernidade e nesse caso, o narrador vai descrevendo-a no decorrer de toda a narrativa como podemos ver nos fragmentos, *“(...) e a jovem (ela tem dezenove anos)”*, (1998:15). *“Mas a moça de*

quem falarei mal tem corpo para vender”, (1998:13). “É uma datilógrafa muda”. (1998:17).

Portanto, Macabéa vai sendo moldada, montada pouco a pouco, o narrador não deixa transparecer os traços firmes e claros dessa personagem, ele vai oferecendo ao leitor fragmentos desse ser ficcional no decorrer de toda a narrativa, no início da história ela nem nome possui é chamada por Rodrigo SM de moça, datilógrafa e nordestina. Só mais adiante caracterizá-a como Macabéa. *“Há que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça” (1998:19)*

Essa questão também é evidente em outra fala do narrador: *“Pretendo, como já insinuei, escrever cada vez mais simples. Aliás, o material de que disponho é parco e simples demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria”.* (AHE, 1998:14).

Com isso, percebe-se que as informações sobre a personagem Macabéa são reduzidas, modestas e pouco esclarecedoras é como diz o narrador “é serviço de carpintaria”, ou seja, os passos de caracterização da personagem vão sendo dados um após o outro até o final da história, deixando claro as marcas da personagem moderna, fragmentada, qual o leitor precisa fazer análises profundas para chegar a um certo resultado, ou a um conhecimento aproximado do que vem a ser e a representar a personagem Macabéa.

Ela também é uma personagem de difícil identificação, pois no início da história o narrador apresenta certas características dela deixando a impressão de que jamais vai agir diante dos acontecimentos, mas em alguns momentos ela reage diante dos episódios, mostrando que pode vir a surpreender dentro da narrativa, como no instante em que ela surpreende o seu chefe respondendo-o cerimoniosamente:

“___ Me desculpe o aborrecimento”.

“O senhor Raimundo Silveira que a essa altura já lhe havia virado as costas voltou-se um pouco surpreendido com a inesperada delicadeza e alguma coisa na cara quase sorridente da datilógrafa o fez dizer com menos grosseria na voz, embora a contra gosto (...)”.

(AHE,

1998:25)

Portanto, mesmo Macabéa sendo caracterizada pelo narrador no início do romance como um ser sem ação, incapaz de surpreender dentro do enredo, mais adiante ela vai

sendo identificada também por suas reações e não só pelas informações oferecidas pelo narrador, mas apesar de suas angústias existenciais e da falta de preparação para agir ela consegue surpreender o leitor. Quando ele menos espera ela ressurge e surpreende.

Nesse caso, Macabéa se caracteriza como sendo uma personagem de natureza ou esférica, pois não é claramente definida dentro da obra sendo moldada aos poucos fisicamente e psicologicamente, é uma personagem problemática, multifacetada e inadaptada ao meio em que vive, pois vive numa cidade grande, onde se sente perdida. “*É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina*”. (AHE, 1998:12). “*(...) limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela*”. (AHE, 1998:14). Com isso é evidente que Rodrigo apresenta poucos dados em relação a identidade de Macabéa, não apresentando marcas nítidas de suas origens: “*Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão, os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdeu as botas*”. (AHE, 1998:35).

Macabéa, um ser que não dispõe de conhecimentos para tomar iniciativas em sua vida simplesmente vive e até se considera feliz, pois não compreende a condição da vida miserável que leva, tudo para ela está bom. Em algumas vezes em sua vida Macabéa até tem momentos de explosão para a vida, parece que vai tomar um certo rumo, reagir, mas não passam de momentos explosivos, ela não possui forças para lutar.

Mas essa narrativa não traz apenas a história de Macabéa quase sem ação, apresenta algo especial e diferente. Essa obra é permeada por vozes da autora Clarice Lispector, sendo que essa voz autoral dentro do romance marca acontecimentos importantes, tornando-se indispensável para o desenvolvimento da narração, portanto essa voz de Clarice na história está relacionada com os poucos minutos de explosão da moça, ou seja, as poucas vezes que ela age dentro da narrativa, como podemos detectar através do narrador, “*Dias depois, recebendo o salário teve a audácia de pela primeira vez na vida (explosão) procurar o médico barato indicado por Glória*”. (AHE, 1998:66).

Nesse caso, Macabéa que até então nunca tivera procurado um médico, de repente brota uma reação que a faz animá-la e procurar algo que vai ser bom para a sua vida, parece que nesse instante ela vai despertar para a vida, ela que vive murcha, quase nem é notada, em instantes deixa transparecer indícios de que começará a tomar iniciativa, mas podemos ver claramente que Macabéa tem apenas minutos de explosão e que são marcados pela voz autoral.

Existem ainda vários momentos de explosão da moça que podem ser percebidos por meio da voz de Clarice, como podemos ver: “*Num súbito ímpeto (explosão) de vivo impulso Macabéa, entre feroz e desajeitada, deu um beijo no rosto da Madama. E sentiu que sua vida já estava melhorando ali mesmo: pois era bom beijar. Quando ela era pequena, como não tinha a quem beijar, beijava a parede. Ao acariciar, acariciava a si própria.* (AHE 1998: 78), nesse caso Macabéa até teve a ilusão de que sua vida estava melhorando pelo fato de ter encontrado alguém para dar um beijo, conforme afirma Guidin “*Macabéa comete ousadias com a ilusão dos que já possuem alguma coisa: beija Madama no rosto com beijo estalado*”.(1994:64).

Até mesmo momentos antes do seu atropelamento Macabéa enfim acredita que realmente sua vida vai se transformar: “*Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez!*” Com essa explosão Macabéa é atropelada e mesmo assim continua a acreditar que tudo em sua vida vai mudar, pois as predições de Madama Carlota começavam a serem cumpridas; o carro que a atropela é de luxo e tinha como motorista um homem estrangeiro alourado, o homem que Madama dissera que se casaria com ela.

Nesse caso a voz autoral é de suma importância para a história já que marca os momentos em que a personagem surpreende dentro do romance, tomando-se um ponto importantíssimo para a narrativa.

Assim a voz de Clarice assume dentro do romance uma postura de grande relevância marcando os instantes em que Macabéa parece despertar para a vida, mas como a personagem não é preparada para a ação ela, apenas tem momentos explosivos marcados pela voz da autora.

Capítulo II

Autora - Narrador – Personagem-a invenção de si mesma pelo revestimento do outro

A palavra penetra literalmente em todas relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.

(BAKHTIN,1993: 41).

Portanto percebemos com essa citação que é através da palavra que os seres humanos se interagem, nesse caso é nítido que um ser necessita do outro para que a interação social possa acontecer, com isso a existência humana é permeada por essa troca do eu com o outro, fazendo com que a língua se realize por meio desse processo de troca a partir da interação.

Então em se tratando dessa troca através da palavra podemos destacar que a discursividade existente na obra AHE é resultado da fala das personagens que trazem consigo aspectos sociais, ideológicos, culturais, etc, e ocupam um lugar na sociedade. Nesse caso, Bakhtin define como a principal característica do gênero romanesco “*o homem que fala e a sua palavra*”.

Em a “Hora da Estrela”, último romance de Clarice Lispector, publicado em 1977, a autora procura centralizar-se na vivência interior das personagens e na complexidade de seus aspectos psicológicos, deixando a caracterização e ações do ser fictício em segundo plano, resultando numa narrativa introspectiva.

Essa centralização na consciência da personagem contribui para a digressão, a fragmentação dos episódios e o desencadeamento do fluxo de consciência resultando na perda da seqüência lógica da narrativa.

Nesse romance, Clarice infantiliza as angústias existenciais de uma moça, que leva uma vida miserável sem se dar conta dessa questão, pois para ela, tudo o que lhe acontece é natural e a cada instante da história se afunda num abismo de perplexidades e se refugia na banalidade do cotidiano.

Clarice envolve a sua escrita com os fatos sociais, para daí procurar desvendar a reação do homem diante aos acontecimentos. Nesse romance é justamente essa questão que podemos observar: Clarice inventa uma personagem que vive em meio à pobreza, um episódio constante em nossa sociedade e em outras partes do mundo. Nesse caso o que importa para a escrita da autora é a reação dessa personagem diante da miséria, em meio a uma cidade grande uma cidade que não a recebe, mas que a consome, como afirma Guidin, *“Macabéa vaga anônima pela cidade grande, que não a absorve, ao contrário, é destruída por um dos símbolos da industrialização, o veículo, mais específica e ironicamente um automóvel importado”*.(1994:49)

Clarice transfere Macabéa do Nordeste para a zona urbana e pobre do Rio de Janeiro. Com isso ela retrata o problema dos migrantes que migravam para a região Sul do país e se deparam com outros estilos de vida, outros valores sociais e culturais; sendo assim a autora procura retratar e refletir questão de adaptação existencial e cultural desses migrantes refletidos em sua personagem Macabéa, Segundo Guidin, *“(...) os textos da escritora tratam da busca de solução para o enigma da existência humana enfrentada numa relação conflituosa com o mundo e com a própria literatura”*.(1994:7)

Nessa obra há evidências muito fortes de que Clarice também busca apresentar o retrato da condição da mulher na cultura urbana e letrada. Suas personagens são na maioria das vezes mulheres, e, principalmente, a personagem Macabéa possui muitos traços em comum com a autora e isso faz com que esse romance se pareça com literatura autobiográfica. (Guidin,1994:7). Nesse caso, Macabéa reflete as condições em que a mulher sobrevivia na época: elas não eram vistas e nem ouvidas.

Já na criação de Macabéa percebemos que ela é uma invenção do narrador Rodrigo SM, que por sua vez é produto da autora Clarice Lispector, ele não faz parte da história só como narrador, mas como personagem e autor. A história do narrador parece se confundir com a história de Macabéa, pois essa personagem é como se fosse parte do narrador, há indícios muito fortes no decorrer da história que ele a projetou.

Em certos momentos da narrativa a história do narrador se mistura com a vivência de Macabéa, os pensamentos dos dois constituem num só. Ora o narrador fala de si próprio em primeira pessoa, ora fala de Macabéa em terceira pessoa, mas sempre as histórias de ambos estão relacionadas e ao mesmo tempo em que narra a história de Macabéa narra a sua própria história,

“Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzia-se a si mesma. Também eu de fraco em fracasso me reduzi a mim, mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus”. (AHE, 1994:18)

No decorrer do romance Rodrigo S.M relata de onde surgiu a idéia de como inventar Macabéa declarando-se como o autor da personagem e de sua história, ele descreve com detalhes o estilo de palavras que utiliza para contar a trajetória da moça, apropriando-se de um falar simples para captar toda a fragilidade e o vazio existencial da personagem, sobre esse assunto Guidin (1994: 29), diz:

Rodrigo S.M que, cruzando-se com a figura de autor, escreve a história de Macabéa. Oscilante entre a onisciência e a observação ao narrar as “fracas aventuras” da personagem, o autor-narrador fala de si mesmo, transformando-se também em personagem em primeira pessoa do texto. Temos então a personagem narrada em terceira pessoa e um escritor-narrador-personagem narrando-se em primeira pessoa.

Portanto Macabéa é inventada e constituída na mesma medida em que o narrador vai construindo a obra. *“O que escrevo é mais do que invenção é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu nem que seja de pouca arte, o de revelar lhe a vida”.* (AHE,1998:13)

De acordo com Rodrigo a sua personagem foi projetada, a partir de uma moça nordestina que ele encontrou em uma rua do Rio de Janeiro e ele percebeu no rosto dela um sentimento de perdição e relata ainda que quando criança também viveu no Nordeste. E essa questão pode ter influenciado a escritora no momento da invenção dessa personagem sofrida, mas que não se dava conta de seu sofrimento. Conforme Gotlib (apud) Mota Junior (org), *“De qualquer forma Macabéa nasce da dor, a dor que a miséria, ou de modo geral, o lado feio da vida provoca, e que é tão difícil de enfrentar, a que o narrador propõe dar vida para, expelindo - o de si poder então ai se enxergar e se conhecer”.*(2001:289)

Portanto, ha uma relação de subordinação muito forte entre Rodrigo SM e Macabéa, já que ela é considerada essencial para ele e sua obra, sendo que sem ela seria impossível retratar o lado feio da vida.

“(...) e é claro que a história é verdadeira embora inventada ___ que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro ___ existe a quem falte o delicado essencial (AHE,1998:12).

Sendo assim percebemos a importância que Macabéa tem para o narrador e a obra, pois ele enquanto intelectual não lhe faltam conhecimentos como para a sua personagem que é integrante da massa trabalhadora, mas pode lhe faltar algo muito mais importante que a sua posição. Nesse caso é evidente que ele não se refere só a si mesmo, mas aos seres humanos em geral que nunca estão completos sempre falta algo para lhes preencher a vida.

Assim fica evidente que Macabéa nasce misturada ao narrador, ele cria uma personagem para contar a sua própria história, para poder se ver e entender suas próprias ações. Sobre a sua personagem ele faz comentários, críticas, exigências, etc como se estivesse comentando e criticando seus próprios atos, ou seja, o criador de Macabéa inventa-a na esperança de aproximar a história dela com a sua própria história, na tentativa de descobrir o que ele possivelmente seja.

Então se o narrador inventa Macabéa com o intuito de aproximar se de si próprio, logo se percebe que ela não é uma cópia fiel do seu inventor, pois a representação do autor através da personagem apresenta apenas uma imagem dele, não ele próprio.

Rodrigo, enquanto autor e narrador, instala a personagem Macabéa na história e fala dela e por ela, já que é despossuída de discurso próprio. *“Se fosse criatura que se exprimisse diria o mundo é fora de mim”*. *“(...) dir-se-ia que havia brotado da terra do sertão em cogumelo logo mofado. Ela falava, sim. Mas era extremamente muda”*. (AHE, 1998:24)

Nesse caso percebemos que mesmo Macabéa tendo saído da costela de Rodrigo comprovam-se as diferenças entre os dois, enquanto ele se apresenta como escritor e intelectual, inventa a sua personagem como mais uma despossuída integrante da massa que trabalha. Guidin ressalta, *“Rodrigo SM, criado no Nordeste em pequeno, é, ao contrário de Macabéa, provavelmente morador da zona sul e está enquanto intelectual e escritor perfeitamente integrado à cultura urbana e letrada”*. (1994:50)

Temos então duas histórias, a história de Macabéa, personagem caracterizada pela miséria e a história de Rodrigo escrevendo o romance e inventando Macabéa, enquanto o narrador se apresenta como escritor, e romancista, Macabéa nem sabe escrever direito.

Uma outra questão evidenciada no romance é a presença constante da escritora Clarice Lispector no decorrer da História, ou seja, ela se faz presente de modo implícito em toda a narrativa, pois se Macabéa é invenção de Rodrigo, que por sua vez foi projetado por Clarice. Portanto, Clarice cria um narrador que se identifica e segue a

personagem de perto. *“Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois se vivo com ela. E como muito adivinhei a seu respeito, ela se me grudou na pele qual melado pegajoso ou lama negra”*. (1998:21) Nesse ponto do romance o narrador se declara ser igual a Macabéa miserável e marginalizado, com isso percebemos que Rodrigo revestido de Clarice parece afirmar que as escritoras não possuíam um espaço reconhecido perante a sociedade da mesma forma que a personagem não possui espaço social e cultural, nesse caso as escritoras simplesmente ocupavam um espaço social, mas não tinham o seu papel de escritora reconhecido pela sociedade.

Esse fato é evidente quando Rodrigo se apresenta como escritor Romancista inventando Macabéa, segundo a expressão de Benedito Nunes (apud) Mota / Junior (org).

Podemos considerar tanto Macabéa quanto Rodrigo também uma imagem da própria autora Clarice Lispector, como se aí existisse um triângulo: a escritora (da dedicatória) e o escritor (o narrador do romance) defrontando-se com seu objeto (o romance, a palavra, Macabéa...). (2001:315).

Sendo assim, Clarice parece escrever esse romance na tentativa de descobrir através de Rodrigo e Macabéa quem seria ela mesma, e sobre esse assunto Gotlib (apud Mota/Junior (org) *ressalta que, “Clarice Lispector não se confina numa identidade única, mas se desdobra nas muitas vozes que povoa a sua narrativa...” ou seja, ela precisa de outros ou de vários personagens, para em função delas talvez descobrir quem realmente ela é”*. (2001:314).

Já na dedicatória Clarice deixa indícios que esse romance, se confunde com a literatura autobiográfica, pois ela relata que precisa dos outros para se manter firme, *“Dedico-me a (...) todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu. Esse alguém que é vós, pois não agüento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé”*. (AHE, 1998:9). Ela parece que se via e se percebia nos outros e da mesma forma é no Romance, ela o escreveu para então se ver nas suas personagens fictícias.

No exato momento em que o narrador diz que Macabéa se reduzia a si mesma e que ele também se reduzia a ele, há uma certa ligação com a dedicatória, pois Clarice relata que explodia em si mesma e que ela era vós, porque não agüentava ser apenas ela,

ela precisava dos outros para se identificar como tal, ou seja, o narrador se via em Macabéa da mesma forma que Clarice se vê nos seus dois personagens.

Notamos também que Clarice se reveste de Rodrigo para inventar e narrar a história de Macabéa “(...) *também eu não faço a menor falta, e o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lagrimejar piegas*”. (1998:14). Dessa forma percebemos que é o discurso da própria autora que se realiza através da voz do narrador, deixando transparecer críticas e denúncias relacionadas ao tratamento que era dado as mulheres em geral, não só as escritoras.

Essa fala apresenta traços extremamente autênticos de que a escritora Clarice do romance enquanto autora ressurgue dentro da história travestida de Rodrigo, recorrendo a um heterônimo homem, conforme afirma Gotlib (apud) Mota/Junior (org) “*Finge que é o homem Rodrigo, o que conta sem sentimentalismo para mostrar ao contrário e escrever o que escreveria, como mulher que é e como, na realidade, escreve*”. (2001; 315)

Observando melhor a escrita de Gotlib, pode-se perceber que Clarice utiliza a máscara de um homem, no caso Rodrigo, para demonstrar a autoria feminina em geral e em especial a sua escrita e as condições socioculturais que envolvem o discurso feminino, uma questão evidente no romance, e que as escritoras da época eram consideradas sentimentalistas e suas escritas eram tidas como inferiores, pois não possuíam o mesmo valor que a escrita masculina. De acordo com Souza,

Na fala do narrador subentende-se a de Clarice Lispector, julgando o preconceito quanto à emotividade da mulher escritora, considerada “piegas” pelos escritores da época. Talvez este seja um motivo para que seus anseios estejam disfarçados na fala do narrador”.

Conforme a fala do narrador:

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias. (AHE, 1998:21)

Dessa forma, através de um autor-narrador, Clarice parece revelar a sua perda de ilusão, deixando transparecer a desesperança da escritora mulher, pois subentende-se na fala do narrador que não havia espaço para elas no mundo das artes.

Já, através da personagem Macabéa, Clarice procura mostrar também a relação entre os seres masculino e feminino, pois a opinião que se tinha do homem se diferia da opinião que se tinha da mulher, ou seja, a mulher em evidência, no caso Macabéa, foi projetada a partir de um homem, nesse caso a autora finge que é do sexo masculino para demonstrar a visão que o homem tinha do ser feminino. Nesse romance Macabéa vê no homem um ser superior que pode conduzi-la e ensiná-la. *“Ela achava Olímpico muito sabedor das coisas. Ele dizia o que ela nunca tinha ouvido”*. (ahe,1998:52). Então Macabéa vê no seu namorado um ser superior a ela e que pode conduzi-la em busca de algo, pois diante dele ela ri, canta, sonha e fala de si pela primeira vez, conforme Guidin *“(...) Macabéa recebe de Olímpico sucessivas nomeações, que a identificam e instalam na relação amorosa, (...), (...), Macabéa é “moça donzela”, “moça virgem”, “moça direita”, “senhorinha”, epítetos da moral sexual valorizada pelo homem em questão.* (1994:62).

Os adjetivos utilizados por Olímpico demonstram com clareza o tipo de mulher valorizada na época, moça direita que na certa viria a ser uma boa esposa, dona de casa e boa mãe.

Então percebemos que Macabéa não possuía sua própria identidade, a identidade feminina estava relacionada à figura do homem, ela somente pôde sonhar e imaginar o seu destino e o papel feminino ou a sua posição ligada a um homem o seu namorado Olímpico, como podemos perceber através do pensamento de Macabéa *“Quando nos casarmos então eu serei deputada?”*, (1998:47). Nesse caso percebe-se a ingenuidade da personagem, e do ser feminino, pois para ela estar com Olímpico estava assegurando sua identidade e posição, como afirma Guidin, *“Estar com o homem, incluídas aí as figuras do pai, do professor e do marido, parece assegurar identidade para várias dessas mulheres”*. (1994:61). E é justamente essa uma das questões que Clarice trata nesse romance, Macabéa inventada por uma mulher mascarada de homem para demonstrar o perfil do ser feminino ligado a um homem e a sua angústia existencial. Portanto o discurso do narrador acerca desse assunto é decorrente de um conjunto de idéias que regem as ações em uma sociedade, ou seja, a mulher não tinha a sua própria identidade e personalidade reconhecida pela sua sociedade, com isso Macabéa precisava do outro para ser reconhecida como tal, conforme a expressão de Bakhtin *“O próprio*

Deus teve que encarnar. -se para amar, sofrer e perdoar (...)". (1992:143) com isso percebemos que o discurso do narrador condiz com a realidade vivida pela sua personagem, mas a visão de Bakhtin se difere do discurso do narrador, provavelmente ele viveu em outra época com outros conceitos, pois a sua visão acerca das relações humanas é constituída pelo direito à liberdade e o respeito, para ele um ser humano também precisa do outro assim como Deus também precisou, mas o respeito precisa sempre estar presente.

Então a partir dessa fala percebemos que não é essa questão que acontece com Macabéa, pois não havia entre ela e as outras personagens uma relação de troca permeada pela liberdade e o respeito, até mesmo pelo fato dela ser pobre e não dispor de conhecimentos suficientes para se integrar a cultura urbana e letrada vigente nos anos setenta, com isso percebemos qual era o tratamento recebido pela maioria do ser feminino dessa época.

Diante de Olímpico, Macabéa não sabe realmente quem ela é, pois diante de si mesma ela não sabia quem era, então ela começa a vivenciar o que Olímpico lhe passa, uma ilusão, após ter conhecido seu namorado ela busca outros espelhamentos, começando a se iludir, sonhando com uma outra vida, mas é diante de uma outra mulher que ela compreende a condição do ser feminino, sendo a cartomante Carlota quem desvenda a verdadeira condição existencial de Macabéa, uma condição miserável, *"Madama Carlota havia acertado tudo. Macabéa estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela, que como eu disse, até então se julgava feliz"*. (AHE, 1998:79). Sobre isso Guidin afirma, *"É na voz de outra mulher, a cartomante, que Macabéa compreendera finalmente a condição da feminilidade. Carlota, como também comentamos, levanta o véu que encobre a condição existencial de Macabéa"*. (1994:63). Notamos com essa fala que realmente foi uma mulher quem desvendou a condição da feminilidade de Macabéa, e que diante de um homem ela só obteve ilusões.

Na maioria de suas obras Clarice introduz o ser feminino e nessa, em especial, ela não só utiliza a mulher como protagonista como oferece total autonomia para uma personagem secundária do sexo feminino no momento de desvendar o mistério da feminilidade de Macabéa bem como a sua condição miserável.

Portanto, nesse romance Clarice utiliza vários artifícios para a sua construção, desde a relação fortíssima entre ela, o narrador e a personagem Macabéa, formando

assim um triângulo: um vendo a sua imagem refletida no outro, fazendo com que o enredo aconteça.

Rodrigo é narrador de Macabéa, mas protagonista de uma outra história que transcorre cruzada à dela: a história do processo de construção do texto, cuja autoria é em última instância de Clarice Lispector. A partir desse narrador, ao obrigá-lo a se projetar em sua personagem, projeta-se nela também a figura da escritora, identificando-se com ela e com ele simultaneamente. O texto é então um jogo de encaixes narrativos. (GUIDIM 1994: 32)

Nesse caso é nítido o entrelaçamento da autora, com o narrador e a nordestina Macabéa, pois por meio do discurso do narrador percebemos com clareza que há vestígios tanto da autora como da personagem. Sendo assim o discurso de Rodrigo sobre Macabéa e sobre a própria escrita feminina espera ser compreendida pela sociedade e ainda, espera por uma resposta já que o discurso do narrador nada mais é do que o discurso da própria autora que faz uma denúncia sobre o tratamento do ser feminino e conseqüentemente a crise existencial dessas mulheres que buscam obter o reconhecimento de suas próprias identidades.

2.1-A influência de Macabéa no foco narrativo

A personagem é peça fundamental dentro de uma obra literária, sem ela o enredo não acontece, portanto a personagem protagonista desempenha um papel importante no foco narrativo, pois o mesmo acompanha o ritmo dessa personagem.

Em se tratando do foco narrativo da obra “A Hora da Estrela” é verídico que o mesmo segue o caminho trilhado pela personagem Macabéa. Nesse caso o foco narrativo dessa história se dá através do processo de desconstrução, sendo que a desconstrução de Macabéa encontra-se bem transparente, pois geralmente a personagem protagonista tem uma passagem gloriosa por toda a narrativa e chega ao final da história como herói, é um ser totalmente ativo e tem uma função definida por todo o romance. Dessa maneira o foco narrativo também vai se desconstituindo, apresenta um narrador que se desconstrói na mesma medida em que Macabéa é desconstituída, ao mesmo tempo em que fala da personagem, ele fala de si próprio. O narrador se mistura com a personagem, os pensamentos dos dois se constituem num só. Ora o narrador fala de si próprio em primeira pessoa, ora fala de Macabéa em terceira pessoa, mas sempre as histórias dos dois estão relacionadas, tornando-se difícil estabelecer fronteiras entre os

dois. Esse tipo de narrador, além de ser narrador-personagem, também se caracteriza como onisciente seletivo, pelo fato dele ver e analisar o mundo com a personagem e ainda a sua voz cruzar intimamente não só com a voz de Macabéa, mas se fundir à própria narrativa. Guidin afirma sobre o narrador, *“Oscilante entre a onisciência e a observação, ao narrar as “fracas aventuras” da personagem, o autor-narrador fala de si mesmo, transformando-se também personagem em primeira pessoa do texto”*. (1994:29)

Com isso Rodrigo S.M utiliza-se de seus próprios sentimentos e pensamentos juntamente com os sentimentos de Macabéa para comunicar a história, ou seja, fazer com que o enredo aconteça.

O foco narrativo também é constituído por dois planos e a participação autoral, o plano da problemática de narrar, vai e volta, ou seja, o fluxo de consciência que consiste na expressão direta dos pensamentos do narrador e da personagem, mas sem uma seqüência lógica dos fatos, ou seja, um fluxo de idéias aparece e desaparece, pensamentos e lembranças se misturam, o narrador viaja pelo tempo, oferece indícios de que estava do passado ou futuro e volta ao momento presente, conforme Chiappini *“O fluxo de consciência, é expressão direta dos estados mentais, mas desarticulada, em que se perde a seqüência lógica e onde parece manifestar-se diretamente o inconsciente. Trata-se de um desenrolar ininterrupto dos pensamentos das personagens ou do narrador”*. (1997:68). Como podemos ver na fala do narrador *“Mas voltemos a hoje. Por que como se sabe, hoje é hoje”*. (AHE, 1998:20). Percebemos com essa fala que o narrador viaja ao passado, seus pensamentos e lembranças estavam em outro tempo e não no presente.

Um outro plano que também compõe e influencia o foco narrativo é a história de Macabéa que tem início, meio e fim, na qual o narrador relata como foi à criação da personagem, a sua infância pobre e a insignificante vida da moça que, ao final do romance, se depara com a morte. Portanto, junto com a desconstrução de Macabéa vão o narrador e o enredo, na medida em que Macabéa vai sendo desconstruída o mesmo vai acontecendo com o narrador e o foco narrativo, com isso o enredo se torna simples. Nesse caso, quase não há ação, nem do narrador, nem de Macabéa

Capítulo III

A HORA DA ESTRELA: APENAS UM OLHAR SOBRE A OBRA

A obra de Clarice Lispector “A Hora da Estrela” foi um dos últimos romances escritos pela autora, publicado em 8 de dezembro de 1977, sendo esta uma obra moderna, notável pelo caráter introspectivo e intimista pelo qual a escritora opta para compor essa história.

Essa obra apresenta, assim como em outras escritas da autora, escritores-narradores homens que criam e contam histórias de personagens femininas; em se tratando desse romance, o narrador cria e conta a história de Macabéa, uma personagem excluída do universo urbano e burguês, sendo que a sua miséria cultural e ignorância privam-na do acesso à cidade grande e também à vida familiar. Mas A H E não traz apenas a história de Macabéa, apresenta ainda a história do narrador Rodrigo S M que se vê refletido na personagem protagonista e também narra como foi criar e escrever essa narrativa.

Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar as palavras que vos sustentam.

A história determino com falso livre arbítrio vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro.

O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. (A H E 1998, P. 12/13)

Com isso, tendo um narrador - personagem o romance perde ainda mais a transparência, pois a voz de Rodrigo se funde à da personagem e a própria narrativa, ele se desloca para dentro da história e perde a sua posição segura de narrar. De acordo com Guidim “(...) *Tal concepção dá ao texto um aspecto destrutivo e agônico*”. (1994:3). Nesse caso a autora ressalta que o fato do narrador se transformar em personagem leva o texto ao declínio.

O que sobressaiu nessa obra é o modo de viver da personagem protagonista, pois ela é totalmente desajustada à vida na cidade grande, esse romance também é marcado por ser narrado em terceira pessoa, onde o narrador conta a história de Macabéa e em primeira pessoa quando narra a sua própria história, do qual as ações se passam na cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, esse romance retrata de forma explícita a vida cotidiana de uma personagem nordestina, feia, tuberculosa, solitária, pobre e carente de relações familiares tentando sobreviver em uma cidade desenvolvida e se deparando com outras personagens secundárias; Glória e Olímpico que possuem erotismo, competência para a integração social e posição definida dentro da obra, ao contrário da personagem protagonista que não possui nenhuma dessas características, e por esse motivo Olímpico a troca por Glória.

Posteriormente, de pesquisa em pesquisa, ele soube que Glória tinha mãe, pai e comida quente em hora certa. Isso tornava-a material de primeira qualidade. Pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira. Enquanto Macabéa lhe pareceu ter em si mesma o seu próprio fim. (AHE, 1998:59)

De acordo com Guidin “(...) o novo casal mostra a Macabéa o que ela não passuia: erotismo e competência para a integração social”. (1994:59). Macabéa, ao contrário de Glória, pertencia à classe baixa, miserável, não conhece nenhum segredo de sedução e erotismo e não se expressa com eficiência, vive em um silêncio cultural, é péssima datilógrafa, vive mal e mora em local desconfortável.

Podemos perceber que Macabéa vive à margem da sociedade é excluída por esta sociedade pela sua pobreza mental, física e cultural, Macabéa é uma personagem antípoda a Glória e Olímpico, pois ela se caracteriza ao oposto deles.

Guidin afirma que “*Macabéa percorre o romance acumulando camadas descritivas e narrativas dessa negação. (...) não ter e não ser. Nem bonita, nem culta, nem inteligente, nem independente financeiramente, nem ligada amorosamente a um homem que a conduzisse e amparasse (...)*”. (1994:37). E é partir desse não ter e não ser que o narrador conta os sucessivos passos da construção ou desconstrução da personagem.

Essa desconstituição e o destino de Macabéa em direção à morte está determinado e decidido desde o início da história, o narrador nada mais faz do que enumerar os passos da personagem em direção à morte, através da linearidade narrativa pelo qual opta Rodrigo, na qual descreve a constituição de Macabéa pela sua desconstituição, “*Só não inicio pelo fim que justificaria o começo___ como a morte parece dizer sobre a vida___ porque preciso registrar os fatos antecedentes*”. (AHE, 1998:12)

Com essa fala do narrador podemos perceber que Macabéa na certa viria a morrer, mas ele, antes precisa narrar os acontecimentos que antecedem a morte de sua personagem. Ela que devia ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário”. Guidin ressalta ainda: “*O destino de Macabéa em direção a morte está determinado e decidido desde o início do livro quando Rodrigo sugere a migração geográfica como responsável pelo desfecho que ele finge ignorar*”. (1994:41) Nesse caso, entende-se que o narrador está dizendo que Macabéa não devia ter saído de seu local de origem e ido morar em uma cidade desajustada a ela; na certa ela não conseguiria sobreviver e se sobressair em um mundo que não lhe pertencia. Sendo assim, sua vida se afunilaria em direção à morte.

Antes mesmo da história de Macabéa começar a ser contada há vestígios da sua futura morte “*Ela não parecia ter sangue a menos que viesse um dia a derramá-lo*”. (AHE, 1998:20) Então esses indícios da morte da personagem que percorrem toda a narrativa são confirmados pelo narrador no final da história, “*(...) ela nascera para o abraço da morte*” (AHE, 1998:84)

Antes de sua morte Macabéa teve um caso de amor com Olímpico, sendo que esse instante da narrativa é muito interessante, pois para ela ter um homem ao seu lado representava pulsão de vida e noção de identidade e essa questão pode ser constatada já que é a partir do ingresso de Olímpico na história que Macabéa recebe um nome o qual estava omitido pelo narrador até o encontro amoroso entre os personagens. A partir do diálogo entre os dois jovens é que o nome da personagem é apresentado.

____ E se me permite, qual é mesmo a sua graça?
 ____ Macabéa.
 ____ Maca o que?
 ____ Béa, foi ela obrigada a completar. (A.H.E 1998, P. 43)

Mas, sendo a vida de Macabéa permeada por sucessivas perdas, ela perde outra vez: seu namorado a troca por Glória, sua colega de trabalho, sendo que essa perda está relacionada ao modo de sobreviver de cada uma e a posição social de ambas. Porém, a relação amorosa com Olímpico dá a Macabéa um vago sentimento de busca que a leva à cartomante.

Segundo Guidin “*Feminilidade ferida se resolve em pelo menos três buscas triviais: sedução, saúde e predições*” (1994:45). Mas como Macabéa não possuía saúde e nem adereços de sedução ela vai a busca das predições, resolve procurar a cartomante Carlota sugerida por Glória, “*Não foi difícil achar o endereço da madama Carlota e essa facilidade lhe pareceu bom sinal*”. (AHE, 1998:71).

Sendo assim a cartomante toma-se o ser responsável por revelar a verdadeira condição existencial da personagem e por prometer a ela tudo o que não teve até aquele instante: saúde, amor, dinheiro, beleza, etc. Dessa forma, Carlota utiliza um discurso sedutor, conveniente às necessidades da moça.

____ Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror. Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim”. “____ Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! (AHE, 1998:76)

A influência discursiva de Carlota reverte a derrota amorosa diante de Glória em vitória no confronto de cartas com a cliente anterior (como se sabe que o destino de Macabéa será trágico, a ironia narrativa revela que a moça é, antes do veículo, atropelada pelo próprio futuro. A predição chegou antes da cliente). (Guidin, 1994: 47)

Nesse caso há ironia pelo fato de Madama Carlota dizer para Macabéa que ela seria muito feliz e que a moça da consulta anterior é que seria atropelada. “*Faz tempo que não boto cartas tão boas. E sou sempre sincera: por exemplo, acabei de ter a fraqueza de dizer para aquela moça que saiu daqui que ela ia ser atropelada, ela até chorou muito, viu os olhos avermelhados dela?*” (AHE, 1998:77)

Portanto, assim como Olímpico e Glória, Madama Carlota também é uma personagem que possui uma superioridade discursiva em relação a Macabéa e isso a torna instrumento de integração na cultura urbana, e pelo fato da cartomante deter o dom do discurso capaz de seduzir consegue com facilidade ingressar Macabéa no mundo ilusório das profecias. Esse

ingresso de Macabéa no mundo das profecias é resultado da falta de preparo dela para lidar com essas situações.

Dessa maneira Macabéa é considerada inferior às outras personagens que contracenaram com ela, até mesmo por ter vindo de um lugar humilde e se instalado na zona urbana e pobre do Rio de Janeiro, nesse caso a personagem foi retirada de sua realidade e se deparou com uma realidade distante com outros padrões de vida na qual a sua adaptação não foi possível.

De certa forma, Macabéa precisa pelo menos possuir o dom da fala como instrumento de indução e sedução e persuasão para conquistar uma posição mais privilegiada na cidade, pois Glória era extrovertida, Olímpico era homem de discurso e a cartomante utilizava-se do domínio verbal para persuadir a sua clientela. Macabéa é considerada pelo narrador como se fosse o “silêncio” pois não sabe se expressar com precisão, e essa questão é evidente já que ela passa a história quase toda sem muita pronúncia, *“Maca, porém, jamais disse frases, em primeiro lugar por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava de nada, até pensava que era feliz”*. (AHE, 1998:69). Somente no instante de sua morte ela diz a única frase como ressalta o narrador “Disse bem pronunciado e claro: ____ “Quanto ao futuro”. (AHE, 1998:85: 85)

Portanto, por todo esse processo de desconstituição pelo qual passa Macabéa, percebe-se que é um processo paulatino, pouco a pouco, rumo ao futuro que será a sua morte, já que o passado foi horrível e o presente também estava horrível.

Mas, de certa forma, a personagem busca um futuro melhor, pois decide ir pela primeira vez na vida ao médico e também decide procurar a cartomante, que vê nas cartas um passado triste e um presente horrível e um futuro trágico, que ela procura não revelar a sua cliente. Macabéa, por sua vez, acredita nas palavras da madama e sente-se enlouquecida pela esperança de um futuro maravilhoso. *“Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar”*. (AHE, 1998:79). Mas Macabéa não sabia que para ela havia uma sentença de morte e não sentença de vida, com isso ela atravessa a rua e ingressa no cenário da morte sendo atropelada por um automóvel e passa, a partir desse instante, a ter uma nova condição existencial, *“Hoje é o primeiro dia da minha vida, nasci”*. (AHE,

1998: 80). Macabéa que passou por toda a vida sem ser notada na rua, e praticamente não existia para os outros, passa a existir para as pessoas simplesmente na hora de sua morte. *“Algumas pessoas brotaram no beco não se sabe de onde e haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam, o que lhe dava uma existência”*. (AHE, 1998:81).

Toda a história de Macabéa se passa no presente, mas também terá um futuro que será a hora da estrela de Macabéa, sendo que essa hora de estrela será o momento de sua morte. Dessa maneira, a morte de Macabéa caracteriza um momento especial chamado epifania em que ela se depara repentinamente com algum acontecimento, se defronta subitamente com a verdade e essa verdade ilumina a sua consciência. Guidin) afirma, *“Sua hora de estrela é o momento de iluminação dessa consciência, que para Macabéa significa o momento último da morte”*. (1994:64). *“Então ali deitada teve uma úmida felicidade, pois nascera para o abraço da morte”*. (AHE, 1998:80). Dessa forma Macabéa se depara com o acontecimento de sua morte com uma certeza de que o ser humano nasce para o abraço da morte.

Portanto, a situação vivida pelos demais personagens é bem representada, pois define com clareza a situação oposta vivida pela personagem Macabéa, Clarice Lispector aborda com nitidez a vivência interior e a complexidade dos aspectos psicológicos de Macabéa, por ser uma personagem desajustada ao mundo em que vive desenvolve uma série de crises existenciais. A autora utiliza os fatos sociais para demonstrar o interior e a reação da personagem Macabéa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho constatamos que Clarice inaugura um terceiro momento do modernismo brasileiro, propondo uma nova visão temática e estrutural da nossa ficção.

Guidin afirma sobre o assunto, "*A prosa intimista de Clarice Lispector vai manter contraste com essa literatura de documentação, isso ocorre pelo caráter introspectivo de seu texto, no qual o uso intensivo do monólogo interior faz quase desaparecer o enredo*".

Diante dessa afirmação podemos afirmar que os críticos não pouparam a escrita da autora por ela não optar por escritas engajadas, sua obra foi caracterizada como sendo um texto de literatura feminina.

Porém, podemos constatar o contrário, que nessa obra as questões temáticas penetram diretamente ou indiretamente no enredo, tomando-se indispensável para a construção da história, pois a vivência interior da personagem Macabéa está intimamente ligada aos fatos sociais. Dessa forma percebemos que as crises existenciais da personagem com as questões sociais formam um conjunto inseparável.

Sendo assim, Clarice, através de Macabéa, denúncia a migração dos nordestinos e conseqüentemente retrata também a suas adaptações no espaço urbano. Nesse caso não podemos dizer que a autora não deu importância também a escrita engajada, da qual se refere a crítica. E além dessa denúncia destacamos outras que podem ser detectadas através de um olhar atento sobre a obra, como: o retrato da feminilidade diante de uma cultura urbana e letrada, e ainda a condição social em que viviam as escritoras.

Portanto em *A Hora da Estrela* notamos através do narrador que Clarice está narrando-se, já que na época as escritoras se deparavam com um problema de identidade dentro do sistema cultural na qual estavam inseridas, com isso ela escreve também sobre a pobreza social da escritora, nesse caso ela é Rodrigo, que é Macabéa, inventada para refletir não só as denúncias sociais, mas também o interior conflituoso dos seres humanos.

Então detectamos que a construção de Macabéa se dá através do processo de desconstrução, justamente para demonstrar a situação da mulher da época que não possuía nada, nesse caso, só poderia ser destruída assim como Macabéa.

Clarice compôs grandes obras das quais podemos nos orgulhar, pois confirma a riqueza da literatura brasileira. Percebemos que as obras de Clarice não se referem a um

lugar específico e nem a uma determinada sociedade, ela escreveu uma literatura engajada de espírito intimista, buscando sempre uma solução para o enigma da existência humana, que está sempre em conflito com o mundo e com os fatos sociais.

Portanto, com Clarice Lispector nascia um novo estilo modernista e a composição de obras singulares, como *A Hora da Estrela* uma escrita rara que traz uma personagem especial única que encanta o público leitor pela sua simplicidade e sua maneira de sobreviver.

Não estamos aqui negando outras possibilidades de leituras da referida obra, estamos apenas retratando mais uma interpretação das muitas que esse texto oferece através das entrelinhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Iniciação literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Humanista, 1999.

_____. *A personagem de ficção*. 10 ed. São Paulo: perspectiva, 2002.

ROSENFELD, Anatol. In: *Reflexões sobre o romance moderno*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. São Paulo: Rocco, 1998.

MOTA, Lourenço Dantas e **JUNIOR**, Benjamin Abdala. *Personae*. São Paulo: Senac, 2001.

SCHULER, Donaldo. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1994.

FOSTER, Eduardo Morgan. *Aspectos do romance*. 2 ed. São Paulo: Globo, 1998.

CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1997.

LIMA, Luis costa e **JAUSS**, Hans Robert. *A literatura e o leitor*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GUIDIN, Márcia Lígia. *A hora da estrela*. São Paulo: Ática, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fonseca, 1992.

_____. *Questões de literatura e de estética a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

ZILBERMAM, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. 1 ed. São Paulo: Ática, 1989.